

«Tribuna do Vate»



António Feliciano de Castilho, primeiro visconde de Castilho, (Lisboa, 28 de Janeiro de 1800 — Lisboa, 18 de Junho de 1875) foi um escritor romântico português, polemista e pedagogo, inventor do Método Castilho de leitura. Em consequência de sarampo perdeu a visão quase completamente aos 6 anos de idade. Licenciou-se em direito na Universidade de Coimbra. Viveu alguns anos em Ponta Delgada, Açores, onde exerceu uma grande influência entre a intelectualidade local. Contra ele se rebelou Antero de Quental (entre outros jovens estudantes coimbrões) na célebre polémica do Bom-Senso e Bom-Gosto, vulgarmente chamada de Questão Coimbrã, que opôs os jovens representantes do realismo e do naturalismo aos vetustos defensores do ultra-romantismo.

Obras Principais: Cartas de Eco e Narciso (1821); A Primavera (1822); Amor e Melancolia (1828); A Chave do Enigma A Noite do Castelo (1836); Os Ciúmes do Bardo (1836); A Felicidade pela Agricultura (1849); Erro! Marcador não definido. Presbitério da Montanha (1844); Quadros da História de Portugal (1838); O Outono (1863); Cartas de Eco e Narciso.

Cântico da Noite

Sumiu-se o sol esplêndido
 Nas vagas rumorosas!
 Em trevas o crepúsculo
 Foi desfolhando as rosas !
 Pela ampla terra alargar-se
 Calada solidão!
 Parece o mundo um túmulo
 Sob estrelado manto!
 Alabastrina lâmpada,
 Lá sobe a lua! Entanto
 Gemidos d'aves lúgubres
 Soando a espaços vão!
 Hora dos melancólicos,
 Saudosos devaneios!
 Hora que aos gostos íntimos
 Abres os castos seios!
 Infunde em nossos ânios
 Inspiração da fé!
 De noite, se um revérbero (683)
 De Deus nos alumia,
 Destila-se de lágrimas
 A prece, a profecia!
 A alma elevada em êxtase
 Terrena já não é!
 Antes que o sono tácito (684)
 Olhos nos cerre, e os sonhos
 Nos tomem no seu vórtice,
 Já rindo, e já medonhos,
 Hora dos céus, conserva-me
 No extinto e no porvir.
 Onde os que amei? sumiram-se.
 Onde o que eu fui? deixou-me.
 Deles, só vãs memórias;
 De mim, só resta um nome:
 No abismo do pretérito (685)
 Desfez-se choro e rúy
 Desfez-se! e quantas lágrimas
 Brotaram de alegrias! Desfez-se!
 e quantos júbilos
 Nasceram de agonias!
 Teu curso, ó Providência,
 Quem no previu jamais?
 Que horas dest'hora tácita
 Me irão desabrochando?
 Quantos nos fez cadáveres
 Num leito o sono brando!
 Vir-me-ão co'a aurora próxima
 As saudações, os ais?

Se o penso, tremo, aterro-me;
 Porém, se ao Pai Supremo
 Remonto o meu espírito,
 Exulto; já não tremo,
 A alma lhe dou; reclino-me
 No sono sem pavor. Chama-me?
 Ascendo à pátria; Poupa-me?
 Aspiro a ela. (686)
 Servir-te! ou ver-te e amarmo-nos!
 Que sorte, ó Deus, tão bela!
 Vem, cerra as minhas pálpebras,
 Virgem do casto amor!

Antonio Feliciano de Castilho

A tomada de Coimbra

(Xácara)

I
 Caminhavam frades bentos
 do mosteiro de Lorvão,
 quando acharam Dom Fernando
 no meio de Carrião:
 era Dom Fernando o Rei,
 e seu reino era Leão.

– D. Fernando, D. Fernando,
 novas de consolação!
 cavaleiros não nos oiçam;
 manda sair quantos são.
 Deus te nos manda dizer
 que tens Coimbra na mão.

«Descuidados estão Moiros
 do poderio cristão;
 deles o havemos sabido
 por sua conversação,
 quando nos vêm de Coimbra
 a montar em Lorvão.

«Fingimos uma romagem
 por livrar de suspeição,
 e viemos dar-te aviso,
 grão Rei, senhor de Leão.
 Manda logo fazer prestes
 todo o ginete e peão.

Como três meses passaram,
 era por Janeiro então,
 el-Rei é sobre Coimbra,
 e os de dentro em confusão;
 mas vale o muro à cidade,
 que é mui boa defensão.

Em que traz muitos vassalos
 de caldeira e de pendão,
 em que traz o Cid Rui Dias,
 mais forte que quantos são,
 não acaba de a tomar,
 sete meses já lá vão.

.....
 Cristãos, ganhastes Coimbra,
 mais que jóia oriental;
 mais tu, Coimbra, ganhaste,
 que tens fonte baptismal,
 e a tua mesquita grande
 verás logo em catedral.

Dar meia cidade aos monges
 queria o Rei liberal,
 mas os monges só quiseram
 uma casa monacal,
 contentes com Lorvão santo,
 seu paraíso terreal.

Foi-se el-Rei a Compostela
 com sua gente leal.
 De atabales e trombetas
 soa estrondo festival;
 abrem-se as portas do templo
 bem armado e triunfal.

Todos co'o joelho em terra
 como cumpre em caso tal,
 diziam de agradecidos
 ao valedor imortal:
 – «Santiago, Santiago,
 salvaste o nosso arraial;
 salva sempre os Leoneses,
 e a gente de Portugal.»

